

PREPARO PARA O CHAMADO TRANSCULTURAL: TENHO UM CHAMADO, E AGORA?

Jhonatan Richard Mendes Rodrigues¹

Lidiane Ribeiro da Silva de Souza²

RESUMO

Os desafios de permanecer no campo missionário transcultural são enormes, ainda mais quando não há um bom preparo. Percebe-se que há uma demanda muito grande de missionários que voltam do campo frustrado e que acabam abandonando o ministério por estarem desiludidos. Observa-se que esse problema é a falta de um comprometimento coletivo, pois quando se trata de um chamado transcultural, o desenvolvimento desse projeto é trabalhado em equipe, dando início na igreja local, onde o candidato congrega, no entanto a igreja reconhece-o como missionário e começa a investir em sua capacitação. E esse tempo de capacitação é um longo processo que exige paciência e dedicação, portanto, começar a viver em uma nova cultura para falar do evangelho, não é fácil, pois são encontrados costumes e idiomas diferentes, sendo assim, faz-se necessário o estudo antropológico e teológico, para que assim o conhecimento do candidato venha a ser aprimorado. E para que não fique só na teoria, um curso prático é essencial para o desenvolvimento do aluno, pois é onde ele pode viver na prática tudo o que estudou na teoria, afirma-se que esse treinamento ajuda o candidato e o deixa mais convicto de sua carreira missionária.

Palavras-Chave: Missionários; Missões; Antropologia Cultural; Teologia.

ABSTRACT

The challenges of staying in the cross-cultural mission field are enormous, even more so when there is no good preparation. It can be seen that there is a very high demand for missionaries who return from the field frustrated and who end up leaving the ministry because they are disillusioned. It is observed that this problem is the lack of a collective commitment, because when it comes to a transcultural call, the development of this project is worked as a team, starting in the local church, where the candidate congregates, however the church recognizes him as a missionary and begins to invest in their training. And this training time is a long process that requires patience and dedication, therefore, starting to live in a new culture to speak the gospel is not easy, because different customs and languages are found, therefore, it is necessary to study anthropological and theological, so that the candidate's knowledge may be improved. And so that it doesn't just stay in theory, a practical course is essential for the development of the student, because it is where he can live in practice everything he has studied in theory, it is said that this training helps the candidate and makes him more convinced of his missionary career.

Keywords: Missionaries; Missions; Cultural Anthropology; Theology.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo trabalhar o preparo para o chamado

¹ Bacharel em Teologia – FATEBE. Curitiba – PR. Contato: jhonatanrichard95@gmail.com.

² Mestre em Educação e Novas Tecnologias, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Aconselhamento e Gestão de Pessoas, graduada em Ciências Sociais pela UFPR e em Teologia (SEMIB e FACETEN). Diretora de ensino e professora do curso de graduação e pós-graduação da Faculdade Teológica Betânia (FATEBE). Contato: lidiane@faculdadebetania.com.br.

transcultural, que tem como justificativa conscientizar a relevância da capacitação para o serviço missionário, para que o candidato possa ser relevante em seu ministério a hipótese é que, ele precisa passar por etapas de treinamentos que servirão de suporte para a sua caminhada. Vale lembrar que não se trata de uma ideia inovadora, mas sim de uma pesquisa bibliográfica para alcançar nossos objetivos que é capacitar o cristão para a obra missionária transcultural.

Para exercer uma tarefa como essa requer toda uma dedicação e um empenho mútuo, e aqui será abordado cada ponto e sua relevância, começando na igreja local, afirma-se que é onde o missionário é reconhecido e então dar-se início a esse processo, faz-se compressão das necessidades do estudo antropológico e teológico para capacitá-lo no seu propósito e a relevância do treinamento prático, o local onde tudo é exposto para que assim aprimore ainda mais seu conhecimento.

1. A RELEVÂNCIA DE UM BOM PREPARO

O primordial para o preparo de um vocacionado transcultural parte da igreja local, ela tem que fazer parte desse processo de desenvolvimento e amadurecimento de cada missionário. Segundo Taylor (2009 p. 41) “Uma vez que a igreja reconheceu o chamado de alguém para o trabalho missionário, é necessário acompanhá-lo para prepará-lo para o próximo passo em sua carreira”.

Há casos em que um membro da denominação entende sua vocação, mas não se sente confortável em falar, pois pode haver um receio em não se sentir preparado para sua vocação. Prado (2000 p.42) diz que isso é comum que aconteça, mas em contrapartida a igreja precisa se mostrar interessada e propensa em ajudar no que for preciso, “é importante o vocacionado saber que sua igreja está disposta a estimulá-lo a prosseguir na visão, pois, sem sombra de dúvida, será o Espírito de Deus que colocará as palavras em sua boca” (PRADO, 2000 p. 42).

A forma que Taylor (2009 p. 41) trabalha o movimento, da igreja local para o campo, passa por um ciclo, que se resume em Seleção, Treinamento, Envio e Pastoreio. Oliveira (N.D. p.43) também afirma que quando a igreja participa do processo de formação do missionário, isso ajuda na confirmação do seu chamado.

A igreja local é vital porque provê o contexto para o preparo pessoal dos futuros missionários, ajudando os candidatos a confirmar o seu chamado para missões. Uma igreja que discipula os missionários os conhece bem. Ela pode acompanhar os candidatos durante o processo de treinamento anterior ao campo e dar sugestões específicas para o programa de cada um. Em seu contexto, os candidatos podem pôr em prática o que estão aprendendo. (OLIVEIRA *apud* PRADO, N. D, p.143)

O envolvimento da igreja local nesse processo é de suma importância para o

aprendizado Taylor (2009 p. 47) afirma que com “o passar dos anos do trabalho missionário, foi provado que o missionário que tem este preparo na igreja será mais capaz de atender às exigências do campo”. Pois quando se trata de um chamado transcultural, os desafios são enormes, não dá para imaginar o que se pode encontrar pela frente, isso é papel da igreja em orientar o candidato em cada etapa de seu preparo.

A igreja local deve estimular o vocacionado a prosseguir nos passos que deve dar em direção ao alvo de chegar ao campo. De maneira alguma se deve romantizar a missão para o qual está sendo chamado. Deve haver clara conscientização, tanto por parte da igreja como do vocacionado, dos obstáculos que surgirão no meio do caminho. (PRADO, 2000, p. 44)

Nesse processo de reconhecer o chamado do vocacionado, e dar os primeiros passos junto a ele, é de suma importância que a liderança comece a trabalhar em algumas áreas de sua vida, uma delas é colocar o vocacionado para servir na igreja local, para que assim ele possa começar a desenvolver suas habilidades. A igreja local convive mais tempo com o vocacionado, logo, ela é a única que pode estudar os pontos que precisam ser desenvolvidos em cada pessoa, Taylor (2009, p. 178) diz que “a igreja local é vital porque provê o contexto para o preparo pessoal dos futuros missionários, e ajuda os candidatos a confirmar seu chamado para missões”.

Dentro do tempo de treinamento a igreja pode viabilizar aos candidatos sugestões para que eles possam se desenvolver em relação ao seu chamado, sendo assim cada um pode está desenvolvendo tudo aquilo que está sendo ensinado. “Em seu contexto de igreja, os candidatos podem pôr em prática o que estão aprendendo. Esta experiência prática, por sua vez, provê a base para avaliação e aperfeiçoamento no treinamento na instituição” (TAYLOR, 2009, p.178).

Uma igreja que se preocupa intensamente com o preparo do candidato a obra missionária, e que orienta em cada área de sua vida, não vê problema em enviá-lo ao campo, mas pelo contrário, poderá ver os frutos sendo produzidos com grande exatidão, “quando uma igreja decide cuidar corretamente de seus vocacionados, ela deve ter em mente que no tempo determinado por Deus esse obreiro estará então exercendo o seu trabalho missionário em toda a sua plenitude” (PRADO, 2000, p. 45). Taylor (2009, p. 179) também aponta os pontos positivos desse tempo de preparo, afirmando que “Se a igreja esteve envolvida durante o período de treinamento, seus líderes e membros conheceram bem os missionários e os amarão e cuidarão deles quando estiverem no campo”.

No entanto conclui-se que a igreja local é o primeiro centro para um bom treinamento do candidato a missões transculturais. Nesse processo, tanto o candidato como a igreja precisam andar juntos. Percebe-se que o relacionamento entre ambos é de extrema relevância, pois a igreja se mostra interessada a respeito do chamado do candidato a missões, e se propõe em ajudar no desenvolvimento do vocacionado, no que tange em aprimorar suas habilidades e seu caráter, e assim a igreja fica consciente ao enviar seu obreiro para o campo, pois, certifica-se que esse obreiro estará bem capacitado, e haverá credibilidade por parte da igreja, sendo assim bem cuidado e amado.

1.1 A Importância do Estudo Antropológico e Teológico

O serviço na obra missionária tem se tornado muito abrangente. Hoje o missionário exerce sua função em tribos indígenas, zona rural, zona urbana, e transcultural.

No serviço transcultural o maior desafio é o idioma e a cultura, pois há uma diversidade entre as nações, e isso é o que deixa o nosso planeta ainda mais rico, o que também se torna um desafio para o missionário. “Alguns missionários precisam aprender outras línguas, mudar o estilo de vida e adotar hábitos que parecem estranhos” (MEER, 2009 p. 127). É algo que um mensageiro transcultural não pode fugir, pois é natural que cada país tenha uma cultura própria. Oliveira (N.D, p.25) diz que “cada povo demonstra particularidades em suas manifestações étnicas e responde de maneira peculiar ao universo ao seu redor”. No entanto, se o missionário não se adequar a cultura do país, ele corre o risco de ser mal compreendido.

Há relatos de histórias de brasileiros que foram enviados ao campo missionário sem preparo e que voltaram com experiências frustrantes, feridos e desiludidos. O argumento que a igreja utiliza cita Oliveira (N.D, p. 139) ‘O missionário que vive na dependência de Deus não precisa de preparo para enfrentar o dia-a-dia no campo’. Mas essa ideia é refutada, pois o missionário tem que receber o máximo de capacitação para alcançar seu objetivo com excelência. Meer (2009 p. 148) O ReMAP II mostrou que os missionários mais bem preparados são os que permanecem mais tempo no campo.

O preparo exigido respondido pelas agências brasileiras de missões segundo, Taylor (1998, p.137) “O próprio curso de estudo missiológicos da organização (58%), instrução transcultural (50%), experiência transcultural de curto prazo (42%), estudos missiológicos avulsos (42%)”. Essas porcentagens citadas simbolizam “o treinamento

que os candidatos a missionários tinham de completar antes do serviço ativo”. (MEER, 2009, p.149-150) concorda e diz que o treinamento requerido para ajudar os missionário à permanecer no campo são:

Teologia bíblica de missões, estudos bíblicos gerais e específicos sobre o sofrimento no ministério de Jesus e suas advertências de que devemos estar prontos para sofrer quando abraçarmos a missão. Antropologia cultural, contextualização, fenomenologia, vida missionária, estratégias missionária, aprendizado de línguas – materiais que vão ajudar os alunos a compreender pessoas de cultura e religião diferentes e a se relacionar com elas de maneira respeitosa, com disposição para aprender. Investimento sólido no cultivo da vida devocional pessoal dos alunos, com oração, ensino sobre batalha espiritual (ensino bíblico equilibrado) e o desenvolvimento de um escudo de oração para sustentá-los durante o serviço missionário. (MEER, 2009, p. 149).

Portanto quando se refere ao chamado transcultural, esses cursos são essenciais, pois são de grande ajuda para o candidato, Harley *apud* Kane (1997, p. 21) relata em seu livro as necessidades de missionários transculturais com pouco fundamento e preparo, com isso ele afirma que “para um bom fundamento teológico os missionários necessitavam de treinamento em comunicação transcultural, antropologia missionária, história e teologia missionária de missões, religiões do mundo e assuntos contemporâneos”.

É nesse contexto que a antropologia pode auxiliar, pois ela é “etimologicamente, a doutrina que estuda os seres humanos” (GONZÁLEZ, 2015, p. 32). Ela é o que capacita no relacionamento de uma cultura para com a outra. Hiebert (2010, p. 16) afirma que "a Antropologia pode nos auxiliar em nossos relacionamentos com pessoas de todo mundo, em toda a sua diversidade cultural e nos ajudar a construir pontes de compreensão entre elas”.

No que diz respeito à Antropologia, percebe-se que ela é uma ferramenta de grande suporte para o missionário se socializar em uma nova cultura. Para que assim ele possa desenvolver sua vocação com mais facilidade, conhecendo o ambiente e principalmente chegar ao seu objetivo final.

A Antropologia Cultural, funcionalmente definindo, é um instrumento de reconhecimento das perguntas existentes em certa cultura, socialmente interpretadas ou não pelo próprio grupo, entretanto necessárias para se diagnosticar os pontos de tensão social ali existentes. Provê as ferramentas necessárias para o mapeamento cultural do grupo alvo através da definição da hierarquia social, hierarquia sócio-espiritual, expressões ritualísticas e cerimoniais, cosmologia, cosmovisões e costumes, linguagem interativa e comunicabilidade. O alvo da antropologia cultural, missiologicamente falando, é levantar as perguntas socialmente relevantes a fim de receber respostas bíblicamente centradas. O alvo final é fomentar a transformação de vida e sociedade através de um evangelho que faça sentido na cultura receptora e não apenas na mente e coração daquele que transmite. Ou seja, entender o contexto para que o Evangelho exposto seja inteligível ao que ouve. (LIDORIO, N.D, p. 3)

Por isso é de suma importância que o candidato a missões dê o máximo de si

no curso preparatório. Taylor (1998, p. 184) ressalta que o “curso de comunicação transcultural e antropologia missionária são bases úteis para esclarecer e discutir a questão”.

Em virtude dos fatos citados no que se refere ao despreparo dos missionários, observa-se que há muitos obreiros sendo enviados ao campo sem preparo e que voltam com experiências frustrantes e que acabam abandonando o ministério.

Portanto conclui-se que a dedicação em conhecer e se aprofundar nos estudos teológicos e antropológicos é de grande relevância. Pois as dificuldades e os embates transculturais realmente são enormes. Afirma-se que os obreiros que permanecem no campo, são os que concluem essas etapas preparatórias.

1.2 A Relevância do Treinamento em Campo

Como já foi apresentado a importância de um bom treinamento teórico e acompanhamento para com o missionário. Faz-se necessário colocá-lo em prática, para que assim ele possa executar com êxito tudo o que foi ensinado para que não venha esquecer e assim ganhe mais experiência e capacitação.

Grande parte do que é ensinado na teoria, pode ser esquecido ou não entendido quando é lecionado, no entanto, na prática pode não ser correspondido adequadamente. O treinamento em campo dá continuidade nesse processo, pois reforça todo o “[...] treinamento preparatório, a continuação no campo é indispensável.” (TAYLOR, 1998, p. 248)

É na prática que o missionário vai aprimorando tudo o que ele aprendeu na teoria, pode ser “[...] em grupo e em lugares onde os alunos podem aplicar o que aprenderam em sala de aula, se relacionar com pessoas que são diferentes, e com contextos de sofrimento” (MEER, 2009, p. 149). Esse treinamento em campo é conhecido segundo Guthrie (2003, p. 118) como ministério de curto prazo.

Esse ministério leva os candidatos a viverem situações desafiadoras, que serão de grande relevância mais a frente, pois quando já estiverem atuando em suas bases, muitos desafios podem aparecer, tais como questionamentos, “[...] serei capaz de levantar meu sustento? Passarei por um choque cultural?, e serei capaz de usar meus dons?” isso tudo já é resolvido através do curto prazo (GUTHRIE, 2003, p. 116). Já Prado (2000, p. 80) chama de “treinamento não-formal” pois é realizado fora da sala de aula e promove “[...] liberdade de ação” para os candidatos.

Esse treinamento leva o aluno a ter um aprendizado através de suas próprias experiências.

individual ou em grupo, mas não na sala de aula; a avaliação de viagens para campos; aulas práticas e estágios dirigidos; treinamentos em serviço; direcionamento para o aprendizado através da ação; o envolvimento do corpo docente num papel de discipulado e aconselhamento; a graduação como resultado da experiência e competência ministerial, e não como consequência do cumprimento de cursos e programas. (PRADO, 2000, p. 80-81).

No que diz respeito ao treinamento em curto prazo, Harley (1997, p. 49) afirma que isso gera benefícios relevantes para os candidatos, sendo assim alarga os seus horizontes e desafia a sua fé. Pode dar a ele mais confiança no testemunho cristão e levá-lo a oferecer-se para serviço de tempo integral”.

O treinamento de campo enriquece muito a vida do missionário, tanto culturalmente como as experiências que eles carregam para o resto de suas vidas. Junior e Ramos (1992, p. 74-75) apresentam em seu livro estratégias de treinamento missionário em campo com estudantes universitários, que vão estudar em países em que o evangelho não é permitido entrar. Há várias companhias que são ligadas a esse projeto, os estudantes ficam no período de dois anos com o objetivo de se inserir na cultura. A ABU (Aliança Bíblica Universitária) essa companhia possui um programa chamado *student training in missions* (treinamento missionário estudantil).

Este treinamento fornece não apenas uma boa orientação àqueles que estão se preparando para ir o estrangeiro, como também os estimula a ter contato com estudantes do país ao qual se destinam e, se possível, a manter correspondência com cristãos desse país antes de viajar. Este projeto dura apenas o período de um verão. E os estudantes trabalham em cooperação com missionários e líderes cristãos nacionais, vencendo as barreiras culturais para comunicar o evangelho. Eles prestam sua ajuda ensinando em escolas bíblicas de férias nas igrejas nacionais, trabalhando em acampamentos, e ensinando inglês a estudantes universitários (JUNIOR; RAMOS, 1992, p. 75).

Nesse período de treinamento prático, os candidatos a missões, começam a ter uma visão mais ampla em relação ao seu chamado, pois isso “[...] pode ajudar os missionários a definir melhor seu ministério no país ou no povo em que trabalham.” (TAYLOR, 1998, p. 249) assim eles acabam tendo uma percepção do que é realmente um trabalho missionário, Prado (2000, p. 81) afirma que isso faz com que o missionário “[...] deixe todo romantismo de lado, e enxergue a realidade do trabalho prático no campo missionário.”

No que diz respeito a missões transculturais esse treinamento é de suma importância, pois serve como uma prévia do que se pode encontrar pela frente. Trabalhar em uma nova cultura é um desafio enorme e cauteloso, pois se não houver uma boa inclusão na cultura e empatia, o missionário corre o risco de ser mal compreendido e perder a oportunidade de dar continuidade no seu propósito. “Devemos humildemente procurar compreender o povo com o qual trabalhamos, falando a sua língua e evitando todo escândalo cultural que possa fechar as portas

para o evangelho.” (BURNS, 1995, p. 15)

Viver em uma nova cultura sempre será um choque na vida de qualquer missionário, pois do ponto de vista da pessoa que está se inserindo na cultura, ele espera ainda ver costumes de sua cultura, no entanto começa a estranhar algumas atitudes. Oliveira (2009, p. 17) diz que “É comum observarmos e julgarmos as demais culturas a partir da nossa. Ficamos estarecidos e não nos conformamos ao observar como as pessoas em outros ambientes étnicos agem”

O missionário que se planeja para um trabalho transcultural deve ficar atento a esses aspectos, mostrando-se apto a aprender e a compreender a nova cultura que está inserido e ter o máximo de cuidado para não impor a sua cultura. Bárbara chama a atenção para observarmos os passos de Cristo.

A comunicação do evangelho é muito difícil se não imitarmos Jesus, o qual, para se fazer compreendido e mostrar amor, identificou-se com os homens, não só encarnando-se em forma humana, mas também encarnando-se culturalmente. ‘Ele veio para os seus...’ O seus eram o povo Judeu. Por isso, Ele falou a língua daquele povo, vestiu-se conforme os costumes da época, comeu o que eles comiam, dormiu onde eles dormiam – enfim, Jesus foi judeu como todos os outros, humanamente falando. (BURNS, 1995, p. 14-15)

Essa é a atitude que deve ser aplicada e observada no treinamento, compreendendo que cada cultura é importante para seus nativos, mesmo que tais costumes não sejam muito agradáveis a sua conduta.

Inevitavelmente, os missionários, relacionando-se com outras culturas, também agem como se a sua cultura fosse a mais importante. Muitas vezes esse comportamento é inconsciente e torna-se mais frequente durante o período inicial do obreiro no campo – é o que chamamos de choque cultural”. (OLIVEIRA, 2009, p. 18)

O choque cultural precisa ser muito bem trabalhado, pois ele é um grande obstáculo para o missionário, é o ponto onde ele irá se deparar com um novo estilo de vida, e enfrentará novos conflitos. No entanto sugere-se, “ao desembarcar em um novo ambiente cultural, um comportamento sugerido é assumir a posição de aprendiz a fim de assimilar como a vida funciona.” (OLIVEIRA, 2009, p. 25)

É importante que os missionários observem os costumes da cultura a qual está inserido, pois nem todo ato diferente pode-se dizer que é religioso. (LIDÓRIO, N.D, p. 4). Entender a dinâmica de vida de uma nação como um todo, são referências de um missionário que está comprometido em realizar com êxito seu ministério transcultural (OLIVEIRA, 2009, p. 26).

Em vista dos estudos apresentados, entende-se que o treinamento em campo dá continuidade ao preparo do missionário, pois isso garante o fortalecimento de seu aprendizado teórico, leva-os a ter experiências marcantes e desafiadoras que

vão aprimorando ainda mais sua caminhada. Percebe-se que é nesse período que ele tem a oportunidade de viver todos os desafios do campo, sendo assim, aprendendo a desenvolver suas habilidades e o choque cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista todo o conteúdo apresentado percebe-se que o treinamento para o chamado transcultural é de suma importância para o candidato. No que tange esse processo, afirma-se que o envolvimento da igreja local é o fator primordial para esse preparo, pois ela reconhece esse chamado e instrui para que ele possa está se desenvolvendo, afirma-se que esses missionários se sobressaem com êxito em sua caminhada e se sentem mais seguros em relação ao seu chamado, já igreja tem confiança em enviá-lo.

No que diz respeito ao estudo antropológico e teológico, esses cursos são de suma importância para o candidato, afirma-se que a antropologia é a ciência que estudo o ser humano, ou seja, levar a compreensão de determinada cultura, sendo assim seus costumes e sua ética, fazendo com que o missionário entenda que toda cultura é diferente uma da outra e que ao chegar a determinado local não venha impor a sua cultura ou achá-la melhor, mas que possa entender os costumes e assim pôr em prática sua missão de evangelizar.

Portanto, para que o candidato a missões possa desenvolver de forma mais clara seu preparo, o treinamento em campo serve de apoio ao seu treinamento teórico, pois é onde ele tem total liberdade de expressar sua capacitação. Observa-se que o preparo anterior ao campo é de suma relevância e essa etapa não pode ser deixada de lado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURNS, Bárbara. *et al.* **Costumes e Culturas:** Uma introdução à antropologia missionária. 3 edição, São Paulo: Vida Nova, 1945.

GONZÁLES, Justo. **Breve Dicionário de Teologia.** São Paulo: Hagnos, 2009.

GUTHRIE; STAN. **Missões no Terceiro Milênio.** 21 Tendências-chave para o Século XXI – Monte Verde, Camanducaia-MG: Logo da Missão, 2003.

HIEBER, Paul G. **O Evangelho e a Diversidade das Culturas.** São Paulo: Vida Nova, 2010.

HARLEY, David. **Missões:** Preparando aquele que vai. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

JUNIOR, J. Christy Wilson; RAMOS, Robson L. **Fazedores de Tendas Hoje**. São Paulo: Editora Sepal, 1992.

LIDÓRIO, Ronaldo. **O Desafio do Preparo Missionário em Contexto de Prejuízo Histórico**. Disponível em: <https://ejesus.com.br/o-desafio-do-preparo-missionario-em-um-contexto-de-prejuizo-historico/>. Acesso em: 23 nov. 2018.

MEER, Antonio Leonardo Van. **Missionários Feridos**. Viçosa: Editora Ultimato LTDA, 2009.

OLIVEIRA, Jairo de. **De Todos os Povos**. Londrina: Descoberta, 2009.

_____. **Vida, Ministério e Desafios no Campo Missionário**. São Paulo: Abba. N.D.

PRADO, Oswaldo. **Do Chamado ao Campo**. São Paulo: Editora Sepal e Associação de conselhos missionários, 2000.

TAYLOR, William. D. (Ed.). **Valioso Demais para que se Perca**. Curitiba: Descoberta Editora LTDA, 1998.